

PARA UMA NOVA DIDÁCTICA DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS – QUE MATERIAIS?

Isaltina Martins

Sem pretender trazer aqui nada de novo, gostaria de centrar a minha reflexão de hoje em torno de algumas interrogações que colocava à consideração de todos pois só duma discussão conjunta pode nascer alguma luz para novas propostas, alguma contribuição para a mudança.

– Completou-se, no ano lectivo transacto, um ciclo de experimentação de algumas mudanças no Sistema Educativo com a realização de exames a nível nacional para todos os alunos do 12º ano.

Foi grande o clamor de vozes, umas concordantes outras de protesto, num coro dissonante que nos deu um pouco a nota da situação do nosso ensino, a nível nacional.

Mas, sejamos realistas. Temos de admitir que os últimos anos de experiências, com o proliferar de algumas "pedagogias do facilitismo" deram origem ao desenvolvimento de uma certa mentalidade avessa à exigência. O entusiasmo do novo, da mudança, gerou, por vezes, alguma falta de consistência nos conteúdos. Passou-se de um extremo a outro. E, se antes se valorizava somente o cognitivo, passou-se então a dar valor a tudo menos aos conhecimentos científicos. O aluno desenvolvia capacidades mas carecia de conhecimentos básicos em assuntos fundamentais. E confundiu-se a avaliação contínua. O que acontece é que estávamos desabitoados dos números catastróficos de reprovações em exames finais. E por isso, esquecemos que o aumento e a diversidade da popula-

ção estudantil de hoje em pouco se compara com a de há dez/quinze anos atrás. E assim, tal como clamámos por mudanças no passado, continuamos, no presente, a ver que algo deve estar mal e precisa ser mudado.

Em relação às Línguas Clássicas todos sentimos a necessidade de uma mudança. E juntamos as nossas vozes ao clamor geral de que é preciso fazer alguma coisa. Mas, que mudança? O que é, realmente, preciso fazer?

Na era da informação todos concordamos que os métodos pedagógicos não podem ser os mesmos do passado. Mas, modernizar, actualizar, estar a par com o Progresso significa não exigir, aprovar um aluno que desconhece questões elementares (ou o que nós consideramos elementar já não o é?), deixar entrar no Ensino Superior jovens que não conseguem interpretar um texto por mais simples que seja?

É preciso, realmente, mudar. Algo está mesmo mal.

– Em 1992 Joaquim de Azevedo afirmava numa entrevista:

"A grande virtualidade da Reforma Curricular em curso é apelar para novas metodologias, novos processos de aprendizagem, novas formas de desenvolvimento da actividade de ensino"¹.

Em que medida as línguas clássicas adoptaram novas metodologias, novos processos de aprendizagem? Não se pode fazer uma Reforma no papel, disso ninguém tem dúvida. A renovação tem de fazer-se na sala de aula, numa nova relação pedagógica, numa didáctica específica. Lembro a propósito as palavras de Ph. Perrenoud:

"Há renovação didáctica quando se modernizam os conteúdos e os métodos de uma disciplina escolar; reescrevem-se os planos de estudo, propõem-se guias metodológicos e meios de ensino correspondentes a essas novas orientações, formam-se ou informam-se os professores"².

Quem deve fazer essa renovação? Onde deverão surgir as propostas? Deverão ser as instituições superiores, concretamente o Ministério da Educação, a impor normas, a propor novas abordagens didácticas? Ou iremos permanecer neste individualismo didáctico que parece ser a tônica dominante?

No nosso caso, as Orientações Metodológicas inseridas nos programas são poucas e, penso, insuficientes, mesmo no que toca ao esclarecimento de certas rubricas dos Programas. Se atentarmos nos temas de Cultura e Civilização, os programas limitam-se a enunciar um tema com a indicação de que se trata de noções gerais. Mas, o que são noções

¹ Joaquim de Azevedo (1992), *Autonomia, o grande desafio* (entrevista), *Noesis*, 24, 63-70.

² Monica Gather Thurler e Philippe Perrenoud (1994), *A Escola e a Mudança – contributos sociológicos*, Escolar Editora, p. 111.

gerais? As respostas dadas pelos alunos nos exames nacionais de 12º ano talvez ilustrem um pouco o que isso pode significar.

Houve algumas acções de formação para o lançamento da Reforma, nos anos da experiência, que abrangeram um pequeno número de professores mas nada mais foi feito desde então. Isto gera o tal individualismo didáctico que, aliado à diversidade de formação dos professores conduz a desigualdades gritantes na avaliação de conhecimentos dos nossos alunos. E, quando se procura nivelar essas desigualdades com os exames a nível nacional os alunos sentem-se, com alguma razão, injustiçados.

No anos 70 o Ministério convocava, anualmente, reuniões de Delegados de disciplina que inseriam pequenas acções de actualização e formação a cargo de professores especializados. Actualmente nada tem sido feito.

– Surgiram, entretanto, alguns materiais de apoio.

Assim, para o Latim, temos 5 Manuais para o 10º Ano, 4 para o 11º e 3º para o 12º Ano.

Estes manuais apresentam características diferentes que obedecem a diferentes orientações metodológicas.

Não pretendo aqui analisar a qualidade de cada manual. Em todos há, naturalmente, qualidades e defeitos, segundo a perspectiva de quem o analisar. Todas as metodologias têm o seu valor desde que alcancem o objectivo definido – a aprendizagem. Defeito grave só existe quando um manual contém erros científicos.

Aliás, em meu entender, um manual não tem que obedecer rigorosamente a um programa oficial ou a uma orientação vinda de cima. O autor de um manual tem a sua visão do ensino, faz a sua interpretação do programa oficial e apresenta uma proposta para o seu cumprimento. Por isso é importante que haja várias hipóteses de escolha para que cada professor, ou grupo de professores duma escola, possa adoptar o manual escolar que melhor se adapta às características dos alunos a quem se destina e lhes pareça melhor servir os objectivos do programa.

Mas, um manual não é uma "Bíblia", não pode ser considerado como algo que o professor deve seguir cegamente da primeira à última página. Em primeiro lugar, o professor deve conhecer bem o programa que vai leccionar, deve analisar bem os objectivos que deve atingir, seleccionar estratégias adequadas para alcançar os objectivos propostos e ao manual vai, então, buscar alguns materiais para a consecução do plano traçado.

Cada aula é um sistema particular, formado pelo conjunto de alunos e professor. E é a esse público que o professor se dirige, é a ele que a aula se destina. Aí deve o professor encontrar a metodologia adequada, a

orientação mais condizente com as necessidades dos alunos. O manual será apenas um apoio, essencialmente para os alunos que terão, a par dos apontamentos da aula e do seu caderno diário organizado, um livro com textos e orientações onde podem enriquecer os seus conhecimentos e tirar alguma dúvida de apontamentos incompletos. Aqui surge, também, a importância duma gramática como livro de consulta que o aluno deve ter sempre à mão.

Cabe, porém, ao professor fazer a sua "leitura" do manual, usá-lo a seu modo, começando pelo meio, pelo fim ou pelo início e, sobretudo, introduzindo outras questões, outros materiais que venham a propósito para completar um tema que tenha despertado mais o interesse dos alunos ou colmatar deficiências com mais e mais variados exercícios.

Sobretudo, não pode o professor esquecer o rigor e a exigência. Há que ter em conta que o estudo das línguas clássicas se inicia apenas no 10º ano. Não se trata já da Escolaridade Obrigatória. A idade do aluno é muito importante nas metodologias a adoptar. É preciso que os assuntos sejam estudados com seriedade e rigor. Com o 12º ano o aluno pretende, normalmente, ingressar no Ensino Superior. Tem, por isso, de se habituar a normas de estudo, de reflexão, deve aprofundar o estudo da língua materna e nada melhor que os exercícios de análise e tradução do latim para o obrigar a pensar na estrutura da frase, na correcção e clareza do vocabulário, na riqueza lexical da língua portuguesa. Do mesmo modo, os estudos de cultura clássica são indispensáveis para uma completa formação em qualquer domínio profissional.

A Escola não pode nivelar-se pela moda do "produto fabricado", compete-lhe impor a norma correcta, não pode querer cativar o aluno pela facilidade. Só a exigência pode gerar competência, mas, do mesmo modo, só com competência se pode ter exigência.

– E se o manual não deve ser o único instrumento de apoio, não são, contudo, muitos os materiais existentes destinados ao ensino secundário.

E menos ainda no que diz respeito ao Grego que não tem sequer um manual para o 11º e 12º anos. Apenas para o 10º ano existe um, organizado por um grupo de trabalho no qual se inclui o colega João Soares, uma publicação do Ministério da Educação, em 1989.

E para os alunos? Faltam outros livros de apoio para o aluno poder praticar, com exercícios variados de língua, explicação de questões gramaticais, com o desenvolvimento de temas de história e cultura grega e romana.

Destinados ao Ensino Secundário conheço um caderno de exercícios para o 10º e 11º anos e umas fichas de gramática.

– Procurei analisar alguns aspectos, mas outros mais haveria a considerar.

Impõe-se, então, fazer alguma coisa para inverter esta situação. Por isso avançaria com algumas ideias:

1º – Seria importante que, a nível oficial, se realizassem reuniões periódicas de Delegados de disciplina para acertar critérios, definir algumas metodologias comuns de modo a que houvesse, a nível nacional, orientações mais claras e precisas;

2º – São urgentes acções de actualização e formação contínua de professores (diria mesmo com alguma obrigatoriedade), onde se discutam questões concretas relacionadas com o dia a dia da actividade lectiva, quer no âmbito da didáctica, quer mesmo em problemas de língua e de cultura de modo a que a experiência dos mais velhos e a criatividade e entusiasmo dos mais novos se unam para construir uma mudança consistente;

3º – Seria muito útil a organização de centros de apoio regional com materiais que os professores pudessem consultar, copiar ou requisitar por empréstimos;

4º – É necessário desenvolver um maior intercâmbio entre o ensino superior e o secundário para a publicação de materiais de apoio para alunos e professores

APÊNDICE

Manuais, Gramáticas, Livros de exercícios, outros materiais de apoio*

LATIM:

MANUAIS

10º Ano

- Maria Ana Almendra e José Nunes de Figueiredo, *Initium – 10º Ano*, Coimbra, Liv. Arnado.
- João S. Soares, *Latim I*, Coimbra, Liv. Almedina.
- António Afonso Borregana, *Novo Método de Latim – 10º Ano*, Lisboa, Lisboa Editora.
- Apolinário Américo A. Alves, *Euntes Romam I*, Lisboa, Lua Viajante.
- Ana I. Salema e Rosa Costa, *Romae Romani*, Lisboa, Texto Editora.

* Indicam-se apenas livros e materiais de apoio em português e publicados em Portugal. Não se incluem aqui todos os materiais noutras línguas, dos quais o professor se pode servir e que podem ser preciosos auxiliares. E, claro, também aqui não indicamos bibliografia para as questões de cultura e civilização latinas.

11º Ano

- Maria Ana Almendra e José Nunes de Figueiredo, *Initium – 11º Ano*, Coimbra, Liv. Arnado.
- Isaltina F. Martins e João S. Soares, *Latim 2*, Coimbra, Liv. Almedina.
- António Afonso Borregana, *Novo Método de Latim – 11º Ano*, Lisboa, Lisboa Editora.
- Apolinário Américo A. Alves, *Euntes Romam II*, Lisboa, Lua Viajante.

12º Ano

- Isaltina F. Martins e João S. Soares, *Latim 3*, Coimbra, Liv. Almedina.
- António Afonso Borregana, *Novo Método de Latim – 12º Ano*, Lisboa, Lisboa Editora.
- Apolinário Américo A. Alves, *Euntes Romam III*, Lisboa, Lua Viajante.

GRAMÁTICAS

- José Nunes de Figueiredo e Maria Ana Almendra, *Compêndio de Gramática Latina*, Porto, Porto Editora.
- António Freire, *Gramática Latina*, Publ. da Faculdade de Filosofia, Braga.
- A. Nunes de Almeida, *Gramática Latina Essencial*, Coimbra, Atlântica Editora.

Cadernos de Exercícios

- A. da Silva Loureiro, *Trabalhos de Latim, 10º/11º Anos*, Porto Editora, 1993.

Outros (destinados, especialmente, aos cursos universitários):

- António Freire, *Exercícios Latinos*, Braga, Publicações da Fac. de Filosofia.
- Cristina de Sousa Pimentel et al., *Latim – Exercícios resolvidos*, Lisboa, Ed. Colibri, 1996.
- Ana Alexandra Alves de Sousa, *Latim – Exercícios de Latim*, Lisboa, Ed. Colibri.

Outros Livros

- C. A. Louro Fonseca, *Sic Itur in Urbem – Iniciação ao Latim*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.
- António Freire, *Conversação Latina*, Braga, Liv. Apostolado da Imprensa.
- Actas dos Encontros sobre o Ensino do Latim realizados em Lisboa e em Coimbra.

GREGO:**MANUAIS**

- João S. Soares, Manuel M. Coelho e Helena M. Vaz Duarte, *Grego – 10º Ano de Escolaridade, 1º Ano do Curso Complementar*, Editorial do Ministério da Educação, 1989.

- C. A. Louro Fonseca, *Iniciação ao Grego*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.
- António Freire, *Selecta Grega*, Braga, Liv. Apostolado da Imprensa.
- Costa Ramalho e Abílio Perfeito, *Livro de Grego – 3º Ciclo dos Liceus*, Braga, Liv. Cruz.

GRAMÁTICAS

- Abílio Alves Perfeito, *Gramática de Grego*, Porto, Porto Editora.
- António Freire, *Gramática Grega*, Braga, Liv. Apostolado da Imprensa.

Publicações Periódicas:

- Boletim de Estudos Clássicos.
- Classica.